

**Jazigo perpétuo:
o Cemitério de Santo Amaro no Recife como museu a céu aberto**

Robson Xavier da Costa

Doutor em Arquitetura pela Universidade Federal da Paraíba, Brasil. Professor da Universidade Federal da Paraíba, Brasil

E-mail: robsonxavierufpb@gmail.com

Alynne Cavalcante Bezerra da Silva

Mestranda em Artes Visuais pela Universidade Federal da Paraíba/Universidade Federal de Pernambuco, Brasil.

E-mail: alynne.cbsilva@gmail.com

Resumo

Apesar de diversos distanciamentos e aproximações entre os vivos e os mortos, os mistérios e mitos criados em torno da morte são tantos que acabaram sendo refletidos no local dos mortos, fato que confere, ainda na contemporaneidade, uma aura mista de tabus e receios a esses espaços. Pensar o cemitério para além da concretização dos rituais fúnebres e conferir-lhe potencial museológico e turístico, apesar de pouco debatido no Brasil, não é uma novidade. Com base em um diálogo bibliográfico entre autores que trabalham a temática da morte, dos cemitérios e suas aproximações com os espaços museológicos, espera-se sugerir caminhos para a compreensão do museu em seu campo ampliado e apontar os acercamentos entre a finalidade dos museus tradicionais e dos cemitérios secularizados, além de estudar as possibilidades da inclusão do Cemitério de Santo Amaro como destino de rotas turísticas específicas na cidade do Recife, que possam explorar o seu potencial histórico e artístico tumular, apontando para uma perspectiva de preservação da memória da morte e dos mortos na cidade.

Palavras-chave: Artes Visuais; Turismo cemiterial; Arte tumular; Cemitério. Museu.

1 CORTEJO FÚNEBRE

Há duas mortes: uma quando se morre e outra quando se esquece. Todas as sociedades e povos têm a morte como elo comum. Isso é inquestionável. Bem como as particularidades de cada sociedade: cada uma buscou um trato com a morte que refletisse seus ideais de pós-vida. No entanto, o que se percebe dentro de toda essa

gama de ritos distintos é que eles apontam para uma motivação comum: o medo do esquecimento. Um monumento fúnebre é um lembrete. Os vivos devem lembrar-se de seus mortos. Debray (1993, p. 22) já afirmava: “as sepulturas dos grandes foram nossos primeiros museus”.

Todos os cemitérios são museus e receptáculos de imagens. A imagem nasce da morte. Da necessidade de suprir uma ausência, um duplo para o cadáver. Nesse sentido, todos os cemitérios são naturalmente, locais de salvaguarda de imagens, tais quais os museus tradicionais.

No Brasil, apesar de existirem propostas de roteirização turística em cemitérios, nenhum desses espaços possui, formalmente, a designação de museu. No entanto, alguns cemitérios brasileiros possuem tombamento, como é o caso do Cemitério da Consolação em São Paulo e o Cemitério Bizantino na Bahia.

Através de um diálogo bibliográfico com autores que trabalham as temáticas em torno da morte, dos cemitérios e suas possíveis conexões com espaços museológicos, esperamos propor caminhos e possibilidades para iniciar uma discussão em torno do processo de musealização do Cemitério de Santo Amaro no Recife, bem como explorar o seu potencial atrativo turístico, apontando o sucesso de várias ações existentes na cidade que flertam com temas sobrenaturais, como a morte.

Acreditamos que esse tipo de iniciativa coloca os temas da morte em voga ao propor uma aproximação entre o cemitério e a sociedade através de visitas e debates em torno do patrimônio fúnebre presente no cemitério e seu potencial interdisciplinar. Atrair a atenção da população para as necrópoles também pode ser uma forma de pensar em novas alternativas para preservação da memória fúnebre da cidade, através das abordagens curatoriais e museológicas.

2 BREVIÁRIO DO ESPAÇO DOS MORTOS

O século XIX foi decisivo para pensarmos no local dos mortos. Cada povo/sociedade lidava com seus mortos à sua maneira. Muitas dessas formas de trato com os mortos consistiam nos enterramentos sob a própria residência dos parentes (COULANGES, 2009), outras, porém consistiam nos enterramentos dentro das igrejas, em seu piso e paredes (REIS, 1991). No entanto, algumas epidemias observadas nesse período, como a febre amarela e a cólera, impulsionaram o surgimento de necrópoles separadas do convívio cotidiano.

Os cemitérios secularizados, surgem, então, para suprir essa necessidade de espaço ocasionada também pelo rápido crescimento populacional e pela necessidade de se adaptar à grande demanda; e seu distanciamento dos centros urbanos está muito ligado ao aspecto sanitário. As pessoas não queriam proximidade com a morte por notar nela um aspecto sujo e insalubre (SIAL, 2005). Os cemitérios então começam a ultrapassar os limites das chamadas terras santas, e desocupando o piso e paredes de igrejas e templos. O Cemitério de Santo Amaro, como também o São João Batista, na Bahia, e tantos outros foram fundados nesse recorte temporal. Porém na contemporaneidade a forma e os espaços como esses locais foram pensando não mais são suficientes para atender a demanda da morte.

Na contemporaneidade, muitas alternativas têm surgido. Entre elas, o sistema de nichos funerários que consiste em fileiras de paredões contendo dezenas de

gavetas onde os corpos são acomodados um a um refletindo também uma condição social de moradia precária observada em vida e muito bem pontuada no texto de Davi Kiermes Tavares *et al.* (2016) que comparam um conglomerado de catacumbas populares com vilas de casas conjugadas.

Além disso, se tem também a opção da cremação, que vem se tornando cada vez mais popular sobretudo pelas camadas mais ricas da sociedade. Essa opção, embora tenha espaço também no cemitério tradicional, acaba minimizando muito a produção artística tumular nos cemitérios secularizados, não só a nível nacional, mas também em todo o mundo.

Além dessas alternativas, uma tendência que tem crescido bastante no Brasil, a saber nos cemitérios particulares é adoção do estilo cemitério jardim. Ao entrar no espaço vê-se um interminável e plano gramado com pequenas placas de mármore ao chão, quase imperceptíveis se o observador não estiver muito atento. Essa forma de se padronizar o local da morte, não só nos cemitérios jardins, mas em outros cemitérios privados, impossibilita a caracterização pessoal dos túmulos e padroniza o local da morte, como se todos sentissem e se relacionassem com a morte da mesma maneira. Isso é uma perda para esse tipo de arte e para a compreensão futura sobre como a contemporaneidade lida com a morte, o luto, a perda... e como esses processos são observados nas artes visuais.

Diante deste cenário, arriscaríamos afirmar que a arte tumular está chegando a um estado de extinção. A tendência padronizadora vem ganhando espaço no mercado funerário e isso acaba refletindo o próprio distanciamento dos vivos e dos mortos. Não se quer pensar muito na morte, não se quer pensar em representar o luto para que a aura da morte não se demore. Tudo isso parece ser fruto de um tabu social de medo e distanciamento da única coisa que iguala a todos: a morte.

O que se pretende afirmar com isso é que, entendendo os museus como espaços de salvaguarda, conservação, exposição de artefatos artísticos e relíquias do passado a fim de manter as sociedades vindouras cientes do passado histórico, é possível adaptar esse mesmo conceito para os cemitérios, que também são espaços que guardam memórias de um passado que pode ser resgatado por meio de uma visita explicativa.

2.1 Contemplação *ad-infinitum*: o cemitério/museu

Apesar de ser um debate longe de encontrar muitos adeptos pelo tabu e medo constante da morte na sociedade cristã ocidental, existem no Brasil alguns trabalhos que protagonizam esse possível diálogo museu-cemitério, ampliando o próprio conceito de museu ao apontar aproximações entre o espaço dos vivos e dos mortos. Além disso, pensar o cemitério como uma “extensão” do museu tradicional é também uma forma de incluir esse espaço em rotas de turismo: “No início do século XXI começou a aparecer, na literatura específica de turismo, ainda de forma muito incipiente, o termo turismo fúnebre, como um dos componentes da tipologia do turismo” (SILVA, 2013, p. 27).

No mundo, muitos espaços com finalidade funerária ganharam *status* de locais turísticos, para citar apenas alguns exemplos: as pirâmides no Egito, o Panteão de Roma e o Taj Mahal na Índia, além de muitas igrejas que possuem em seus pisos e

paredes, dezenas de túmulos, como é o caso da Basílica de Santa Croce, em Florença que abriga os corpos de grandes artistas e pensadores como Michelangelo e Galileu Galilei (Figura 1). E se falando em cemitérios de fato, se tem monte da grande serpente em Ohio, EUA, que hoje é um sítio histórico cujo paisagismo curioso atrai muitos turistas, o cemitério Père-Lachaise em Paris e o cemitério da Recoleta em Buenos Aires, que, entre outros motivos, é bastante visitado por guardar os restos mortais da atriz e ex-primeira-dama argentina Evita Perón.

Figura 1 – Jazigo de Galileu Galilei no interior da Basílica de Santa Croce, Florença



Fonte: Acervo pessoal dos autores (2022)

Trazendo essa temática para o Brasil, alguns cemitérios possuem essa condição turística. O cemitério São José I e II, em Porto Alegre, sob os cuidados da Dra. Luiza de Carvalho possui programação de visitas guiadas. Bem como o cemitério da Consolação em São Paulo, o São João Batista no Rio de Janeiro, e muitos outros possuem uma programação voltada para visitação mediante a presença de um/uma guia que vai conduzindo o grupo e atentando para as obras de arte dispostas no percurso. Vale lembrar que: “Não se busca, ao visitar um cemitério como atrativo turístico, entender a morte ou falar de cadáveres, busca-se, sim, entender a visão da morte pelos vivos e conhecer a beleza da arte e os elementos simbólicos sobre a morte” (SILVA, 2013, p. 28).

A professora Dra. Maria Elizia Borges é uma das pioneiras nesse tipo de pesquisa no Brasil e conta com uma coleção de textos apontando o diálogo entre os museus e os cemitérios. Em: O cemitério como “museu a céu aberto”, texto apresentado no VII Congresso Internacional imagens da morte: tempos e espaços da morte na sociedade, Borges falou sobre algumas semelhanças entre as funções dos

museus e dos cemitérios, mas sem deixar de apontar para uma disparidade por notar em muitos museus um “organograma de ações políticas internas que contribuem para definir o caráter museológico das suas instituições”. (BORGES, 2016, p. 1). Fato pouco observado nos cemitérios. Além disso, segundo Borges (2016, p. 4),

O cemitério ideal para ser considerado “museu a céu aberto” é aquele que possui ou agrega temporariamente uma equipe especializada em restaurar e preservar os monumentos funerários, composta por museólogos, historiadores, arte educadores, arquivistas e assessores de apoio, tais como engenheiros e arquitetos, que forneçam parâmetros para a conservação do acervo ali existente.

A seguir, Borges fez um mapeamento dos cemitérios brasileiros que possuem potencial museológico, a saber, pela quantidade de obras de arte de manifestações estilísticas europeias, ela citou o:

Cemitério da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia (Porto Alegre, 1850); Cemitério Santo Amaro (Recife, 1851); Cemitério São João Batista (Rio de Janeiro, 1852); Campo Santo (Salvador, 1853); Cemitério da Consolação (São Paulo, 1858); Cemitério do Bonfim (Belo Horizonte, 1897) (BORGES, 2016, p. 2).

Ao longo do texto a autora utilizou como metodologia a busca de ações de preservação e restauração para a subsequente associação entre o espaço cemiterial e os museus tradicionais. Para isso, ela citou alguns cemitérios estrangeiros e suas ações internas de preservação das obras, além de mencionar a *Association of Significant Cemeteries in Europe* - ASCE que elaborou um guia de caráter turístico para a visita de alguns cemitérios, bem como destacou a atuação da associação em ações de proteção aos cemitérios associados.

Semelhante ação foi observada pela autora ao citar a atuação da Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais - ABEC, que, em um de seus encontros, promoveu um *workshop* no Cemitério da Saudade, onde “os participantes aprenderam noções elementares de como fazer a higienização dos monumentos funerários, experiência que foi estendida aos funcionários do cemitério” (BORGES, 2016, p. 6).

Uma questão interessante para sinalizar as propostas de ações de preservação do cemitério, foi levantada pela autora, quando citou algumas outras atuações da ABEC no sentido de atrair mais pessoas para o cemitério por meio de programações culturais, visitas guiadas e apresentações artísticas e de cunho educacional. Uma maneira atrativa de se preservar o espaço do cemitério em um sentido bem amplo, porque preservar não inclui apenas o patrimônio material do cemitério, mas também o imaterial. Esses passeios permitem ao visitante entrar em contato com a memória dos mortos, aprender sobre os diversos estilos das obras de arte tumulares e conhecer um pouco sobre como a sociedade (a saber, do século XIX) se relacionava com a morte e seus mortos.

No artigo “Cemitério de La Recoleta: “o melancólico prazer de contemplá-lo”, também de Maria Elizia Borges, apresentado no XII Encontro Nacional da ANPAP

(2003), a autora discutiu aspectos estilísticos em meio a heterogeneidade das obras presentes e apontou algumas possíveis direções em relação à produção das obras, atribuindo-lhes um estilo de arte tumular europeizada; a produção artística de imigrantes; a produção artística local e a produção de artesãos cujas obras permanecem sem assinatura. Tais apontamentos podem ser usados para estudar o Cemitério de Santo Amaro, bem como apontar para a percepção de novos.

O que se percebe nesse artigo, se comparado com “O cemitério como museu a céu aberto”, é que, quando a autora falou especificamente do Cemitério La Recoleta, seu foco maior foi apontar para as particularidades do espaço, mas sempre o colocando em diálogo com outros cemitérios de semelhante importância cultural, artística e turística. Além disso, há um espaço para a descrição de algumas obras escolhidas pela autora, que apontam para a época, estilo, suporte e descrição dos elementos que compõem a obra e seus traços semânticos, além de propor um diálogo entre as obras destacadas e outras obras de cemitérios europeus, e até mesmo monumentos fora de espaços cemiteriais.

2.2 Santo Amaro: o *locus*

Trazendo o foco da relação entre museus e cemitérios para o caso do Cemitério do Santo Amaro no Recife (PE), não se pode deixar de lembrar de Rubem Franca, em seu livro “Monumentos do Recife”, quando o autor, falando especificamente do Cemitério de Santo Amaro, afirmou que a: “[...] necrópole é, inclusive, lugar de visita turística. Lugar onde se entra em contacto com a história, com a arte e o folclore” (FRANCA, 1977, p. 242).

O Cemitério Bom Jesus da Redenção, conhecido e popularizado pelo nome Cemitério de Santo Amaro (bairro que o abriga), foi inaugurado em 1851 sob projeto arquitetônico do engenheiro francês Louis-Léger Vauthier. Construído em decorrência da epidemia de cólera. A planta do cemitério é octogonal, com

Alamêdas e aléias (*sic*) radicais, centrada pela praça da capela, formando “quadras” poligonais e triangulares cujas orlas são ocupadas pelo loteamento para jazigos nobres, ou pelos extensos mausoléus coletivos de irmandades, reservando-se as áreas centrais para as covas rasas. (VALLADARES, 1972, p. 1102).

Todas as ruas convergem na capela de estilo gótico (figura 3), projetada pelo engenheiro José Mamede Alves Ferreira, circundada por jazigos de grande importância artística. Além dos aspectos estruturais, o cemitério “possui 1.409 jazigos, 1.886 túmulos, 1.993 catacumbas, 9.008 ossuários, 2.279 gavetas, e 8.988 covas particulares, além de 2.042 catacumbas e 5.250 jazigos pertencentes ao município de Recife, totalizados em 14,5 hectares”. (TAVARES, 2016, p. 110).

No texto “Patrimônio Funerário do Cemitério Histórico de Santo Amaro, no Recife” publicado na revista *Fundamentos*, lê-se o recorte dos Anais Pernambucanos:

O cemitério do Senhor Bom Jesus da Redenção da cidade do Recife, é um dos mais importantes estabelecimentos públicos, pela extensão da sua área e bela disposição do seu traçado, monumental capela, arborização, e sobretudo pela profusão dos seus mausoléus de mármore diversos, muitos dos quais, de custoso e primoroso trabalho artístico, considerados mesmo verdadeiros monumentos, além de outros menos notáveis, e uns tantos de alvenaria, mas de bela perspectiva (COSTA, 1983, p. 242 *apud* COSTA, 2015, p. 58).

Muitos autores já trouxeram o Cemitério de Santo Amaro para o palco das discussões acerca de uma possível designação de “museu a céu aberto”. De fato, o local possui as prerrogativas necessárias para essa designação, o problema é a falta de políticas de conversação de reparos no local:

As medidas de conservação existentes no Cemitério de Santo Amaro são formas paliativas pouco eficazes, e, temporárias que tentam retardar e/ou mascarar os danos aparentes nas superfícies tumulares, seja eles realizados por familiares dos túmulos ou por funcionários do próprio cemitério (COSTA, 2015, p. 66).

Ainda sobre o Cemitério de Santo Amaro, especificamente, foi possível realizar um diálogo interessante com o texto “Museu da morte? Vozes e narrativas no Cemitério de Santo Amaro, Recife/PE”, dos autores Davi Kiermes Tavares, José Paulo Siefert Brahm e Diego Lemos Ribeiro (2016). Os autores aplicaram a questão da musealização diretamente para a estética cemiterial de Santo Amaro.

No texto, os autores fizeram um apanhado histórico sobre o surgimento do conceito de museu, nos séculos XV e XVI, citando os gabinetes de curiosidades, por exemplo, como antecessores dos museus de hoje. A proposta dos autores com o texto, residiu em analisar os elementos artísticos e artefatos históricos do Cemitério de Santo Amaro e entender o que esses objetos têm a comunicar ao público.

Um aspecto interessante desse texto também, foi que, ao apontar para as aproximações entre os dois espaços, os autores apontaram para as características de abreviamento das funções dos objetos considerados artefatos, passando então a receber uma função simbólica em detrimento de sua função utilitária. Isso cabe muito bem ao contexto cemiterial atual abordado brevemente acima, pois, como foi visto, a diminuição constante da produção artística tumular (Figuras 2 e 4) e a falta de espaço para novos sepultamentos nos cemitérios secularizados, tendem a torná-los locais simbólicos, de visita, apreciação e aprendizado, sem função utilitária.

Figura 2 – Escultura fúnebre de mulher com folha de palmeira imperial e cruz, representando a viúva, o paisagismo do local e a religiosidade cristã do jazente no Cemitério de Santo Amaro, Recife



Fonte: Acervo pessoal dos autores (2022)

Figura 3 – A capela gótica projetada por Mamede Ferreira é um ponto central para onde convergem todas as alamedas do Cemitério de Santo Amaro, Recife



Fonte: Acervo pessoal dos autores (2022)

Figura 4 – Esculturas de anjos intercedendo eternamente por seus jazentes são muito comuns no Cemitério de Santo Amaro, Recife



Fonte: Acervo pessoal dos autores (2022)

3 CEMITÉRIO/MUSEU: VIVO OU MORTO?

Uma das dificuldades que podem ser encontradas no processo de musealização do cemitério é o seu aspecto de imobilidade. Ao contrário dos museus, em que seus artefatos e obras de arte, via de regra, podem ser dispostas de forma a atender a uma determinada organização curatorial ou mesmo ficar obscura em uma reserva técnica, no cemitério não existe essa possibilidade. Cada obra está alocada de maneira definitiva em jazigos, catacumbas, túmulos, ossuários... Dessa forma, o desafio fica a cargo do curador em estabelecer uma narrativa a partir da disposição das próprias obras, tentando criar conexões entre elas, seja por recortes estilísticos, seja por padrões de repetição de determinado símbolo, seja por recorte temporal, ou por simples associações que uma visão ampliada dessas obras possa proporcionar.

Além disso, não basta possuir obras de arte ou potencial estético para um cemitério ser considerado um museu, ou mesmo uma categorização de “museu a céu aberto”. Para isso, são necessárias uma série de políticas de conservação e restauro, bem como catalogação e processo curatorial para tais obras.

Existem várias abordagens para se pensar no processo de musealização dos cemitérios que acabam indo além do aspecto artístico. Entendemos que a discussão sobre os critérios de musealização dos cemitérios pode ser bastante subjetiva e não estar limitada apenas à questão de acervo de obras de arte que “imitem” a estética e padrões europeizados. Um exemplo disso são os cemitérios rurais que não se comparam em pompa com cemitérios artísticos, como Santo Amaro, porém não são menos importantes se considerarmos a contribuição histórico-cultural para a compreensão sobre como aquela sociedade lida com a morte e de que forma isso é exposto no próprio local da morte. Outro exemplo interessante é o cemitério Santa

Izabel, conhecido como cemitério bizantino no sertão da Bahia, que foi tombado pelo Iphan em 1980.

Um grande agravante às próprias políticas de conservação em ambientes cemiteriais é o fato de ser alocado em ambiente aberto, estando assim as obras sujeitas às condições climáticas do local, o que facilita sua deterioração.

Um dos problemas que se encontra no Cemitério de Santo Amaro é a sua própria política de uso. O cemitério é público e dividido sem sessões que separam o claramente o mundo dos ricos e dos pobres: Se tem ruas e alamedas largas repletas de grandes e suntuosas obras de arte, ladeadas por fileiras de gavetas funerárias onde corpos se empilham para atender à demanda de espaço por sepultamento, além de um vasto campo com pouca ou nenhuma arte tumular, as chamadas covas rasas. É um espelho do mundo real (Figuras 5 e 6). As diferenças sociais de vida, se eternizam no momento da morte. Mas o ponto é que nesse lado “rico” do cemitério, onde terrenos foram cedidos, a alocação de obras de arte é de responsabilidade da família detentora do jazigo, dessa forma, fica sendo também dela a responsabilidade (não só financeira) com a manutenção e possível restauro de tais monumentos, caso contrário, se corre o risco da perda do espaço.

Figura 5 – Túmulo suntuoso contrastante com as covas rasas ao fundo. Uma amostra das diferenças sociais presentes no Cemitério de Santo Amaro, Recife



Fonte: Acervo pessoal dos autores (2022)

Figura 6 – As covas rasas disputam espaço com os grandes túmulos no Cemitério de Santo Amaro, Recife



Fonte: Acervo pessoal dos autores (2022)

Entre os grandes benefícios de incluir Santo Amaro num possível processo de musealização e incluí-lo em rotas turísticas, é que isso trará mais investimento do setor público para o espaço, o que será voltado para melhoria da infraestrutura do local e conversação do patrimônio artístico material. Além disso vai contribuir para manter viva a memória da sociedade recifense da virada do século XIX para o XX e a forma como essa sociedade homenageava seus mortos.

4 EPITÁFIO

Pensar em um turismo fúnebre em Recife é de fato atentar para um tipo de turismo incomum, em se tratando da relação distante que grande parcela da sociedade tem com a morte, mas pensamos que esse tipo de iniciativa é muito saudável à medida em que naturaliza esse tema. Quanto mais cedo as pessoas têm esse contato com o local dos mortos, mais cedo se cria um pensamento objetivo de valorização da própria vida. O grande desafio é que “[...] não basta determinar que estes [os cemitérios] se transformem em museus, por intermédio de uma operação burocrática; é preciso que as pessoas acreditem nisso. (TAVARES, 2016, p. 105).

Apesar de relevante o destaque do texto de Tavares, se deve levar em consideração que, elevar o Cemitério de Santo Amaro ao *status* de museu a céu aberto e com programações turísticas pode contribuir e muito para a cidade do Recife, tendo em conta o seu particular flerte com o sobrenatural, o assombroso e o fantástico, que tanto na literatura, quando no cinema e na TV, têm como um de seus cenários principais, justamente os cemitérios.

Não à toa Gilberto Freyre escreveu: Assombrações do Recife Velho que apresenta histórias de dezenas de causos e casas assombradas pela cidade e ainda

eleva o *status* de Recife à cidade mais assombrada do Brasil. Seguindo Freyre, outros escritores como Fátima Quintas também se debruçaram sobre o fantástico na cidade.

Além disso, há o sítio eletrônico O Recife Assombrado, criado pelos jornalistas Roberto Beltrão e André Balaio, que fez muito sucesso no início dos anos 2000 e hoje conta com um acervo expressivo de obras literárias trazendo como tema central, os causos de assombrações da cidade. Para continuar o levantamento, em 2018, foi lançado o longa Recife assombrado, do diretor Adriano Portela. Há também uma série de quadrinhos criados pela autora e ilustradora Roberta Cirne, sob o título: Sombras do Recife. No setor de turismo, o grupo “Recife mal-assombrado” realiza ações como passeios (a pé, de ônibus ou catamarã) pelas ruas da cidade, narrando os acontecimentos sobrenaturais narrados na obra de Freyre e outros autores.

Todo esse apanhado para reforçar o terreno favorável para um possível turismo fúnebre no Cemitério de Santo Amaro, que além de incitar o imaginário dos visitantes iria favorecer a cultura local por revelar aos visitantes, aspectos historiográficos, artísticos, socioeconômicos e até mesmo religiosos da sociedade recifense dos séculos XIX e XX, tais aspectos, permitem ao Cemitério de Santo Amaro a caracterização de patrimônio. Ademais,

Ações educacionais voltadas à preservação do patrimônio, bem como visitas guiadas são propostas que tornariam o cemitério um espaço atrativo e também turístico. A possibilidade de tombamento do Cemitério de Santo Amaro é um meio que pode impulsionar a preservação de todo o patrimônio funerário já que o referido cemitério possui atributos necessários que motivam essa realização. (COSTA, 2015, p. 69).

Após o diálogo entre os autores referenciados nos textos, conseguimos compreender que, além do Cemitério de Santo Amaro ter plenas condições de se tornar um museu a céu aberto, haja vista a caracterização de tantos outros cemitérios secularizados, do mesmo período no Brasil, essa ação seria benéfica para atrair mais visibilidade ao espaço e mais discussões, sobretudo acadêmicas.

O cemitério ainda é pouco pesquisado no Brasil, e quando reduzimos essa busca às áreas das artes visuais, museus e turismo, especificamente no Nordeste, os resultados ficam ainda mais suprimidos. Dessa forma, pensamos que à luz da iniciativa de se elevar o Cemitério de Santo Amaro, no Recife, ao nível de museu, pode servir de exemplo para outros cemitérios secularizados de outras capitais nordestinas que também possuem grandes acervos e patrimônios fúnebres.

Iniciamos esse texto afirmando que os vivos devem lembrar-se de seus mortos. Como disse Le Goff, “os vivos se ocupam dos mortos porque são eles próprios futuros mortos”, então pensar nos cemitérios como locais de preservação da memória dos nossos mortos configura um grande passo para seu processo de musealização, afinal ambos espaços, cemitérios e museus, são locais de preservação de memória.

REFERÊNCIAS

BAUDRILLARD, Jean. **A troca simbólica e a morte**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

BELTING, Hans. **Antropologia da imagem**. Para uma ciência da imagem. Lisboa: Imago, 2014.

BELTING, Hans. Imagem, mídia e corpo: Uma nova abordagem à Iconologia. In: **Revista de Comunicação, Cultura e Teoria da Mídia**, n. 08, julho, 2006, pp. 33-60. ISSN: 1679-9100. Disponível em: https://www.cisc.org.br/portal/jdownloads/Ghrebh/Ghrebh-%208/04_belting.pdf. Acesso em: 28 mar. 2022.

BORGES, Maria Elizia. **Imagens da morte**: monumentos funerários e análise dos historiadores da arte. XXVI Simpósio da Anpuh. São Paulo, 2011. Disponível em: http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300659144_ARQUIVO_XXVIANP_UH,2011paramesclagem.pdf. Acesso em: 4 mar. 2022.

BORGES, Maria Elizia. **O cemitério como “museu a céu aberto”**. In: VII Congresso Internacional imagens da morte: tempos e espaços da morte na sociedade. São Paulo, jul. 2016. Disponível em: <https://www.artefunerariabrasil.com.br/wp-content/uploads/2019/08/texto-final-cem.-museu-imagens-da-morte-2016.pdf>. Acesso em: 11 maio 2021.

COULANGES, Fustel de. **A cidade antiga**. São Paulo: Martin Claret, 2009.

COSTA, G. S da; CASTRO, V. M. C. de. Patrimônio Funerário do Cemitério Histórico de Santo Amaro, no Recife: Estado de Conservação dos Primeiros Túmulos. **Fumdamentos** (2015), v. XII, pp. 50-73. Disponível em: <http://fumdham.org.br/wp-content/uploads/2018/08/fumdham-fumdamentos-xii-2015-250388.pdf>. Acesso em: 27 mar. 2022.

DEBRAY, Régis. **Vida e morte da imagem**. Uma história do olhar no Ocidente. Petrópolis: Vozes, 1993.

DEJTIAR, Fabian. **A história do Cemitério La Recoleta, um dos mais incríveis do mundo** [Cementerio La Recoleta: história de uno de los cementerios más increíbles del mundo] 30 dez. 2016. ArchDaily Brasil. (Trad. Souza, Eduardo) ISSN 0719-8906. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/802490/a-historia-do-cemiterio-la-recoleta-um-dos-mais-incriveis-do-mundo>. Acesso em: 25 nov. 2021.

DEPARTMENT of the Arts of Africa, Oceania, and the Americas. “Great Serpent Mound.” In **Heilbrunn Timeline of Art History**. New York: The Metropolitan Museum of Art, 2000–. Disponível em: http://www.metmuseum.org/toah/hd/serp/hd_serp.htm. Acesso em 25 mar. 2022.

DUARTE, Larissa B.; GEVEHR, Daniel L. Turismo Cemiterial: Arte tumular como forma de expressão da memória e identidade de um povo. In: **Memória, Identidade e Patrimônio cultural**: uma contribuição dos estudos regionais. [s.l.] Editora Científica.

DOI 10.37885/201102345 pp. 128-152. Disponível em: <https://www.editoracientifica.org/articles/code/201102345>. Acesso em: 04 abr. 2022.

FRANCA, Rubem. **Monumentos do Recife**. Recife: Governo do Estado de Pernambuco/Secretaria de Educação e Cultura, 1977.

GRASSI, Clarissa. **Arte nos cemitérios**, c2021. Página inicial. Disponível em: <http://www.artenoscemiterios.com.br/>. Acesso em: 10 ago. 2021.

LICHINO, Fratelli. **Camposanto di Genova**. 64 vedute. Milão: Edizioni A. Scrooci, 1950.

MOTTA, Antonio. Formas tumulares e processos sociais nos cemitérios brasileiros. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 24, n. 71, p. 73-93, out., 2009. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/107/10713661006.pdf>. Acesso em: 28 jun. 2021.

PEREIRA, Tércio; LIMBERGER, Pablo F. **Turismo cemiterial**: um estudo sobre as experiências no Cemitério da Consolação a partir do TripAdvisor. REUNA, Belo Horizonte - MG, Brasil, v. 25, n. 1, p. 1-19, jan. – Mar. 2020 - ISSN 2179-8834 Disponível em: <https://revistas.una.br/reuna/article/view/1074/780>. Acesso em 04 abr. 2022.

REIS, João José. **A Morte é uma Festa**: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX. São Paulo: Companhia das letras, 1991.

SIAL, Vanessa Viviane de Castro. **Das igrejas ao cemitério**: políticas públicas sobre a morte no Recife do Século XIX. 2005. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/330300>. Acesso em: 12 mar. 2021.

SILVA, Alynne C. B. Simbologias da morte no Recife: impressões iniciais do Cemitério de Santo Amaro. In: **Estudos Cemiteriais no Brasil**: itinerários, múltiplas Abordagens e Novas Perspectivas. Santa Maria: Arco Editores, 2022.

SILVA, Leonardo Dantas. **Cemitério de Santo Amaro**: um roteiro de seu patrimônio. Recife: Secretaria de Cultura, Governo de Pernambuco, 2016. Disponível em: https://issuu.com/cultura.pe/docs/roteiro_santo_amaro. Acesso em: 29 de jun. 2021.

SILVA, José Solon Sales e. **Novas territorialidades para o turismo em Fortaleza (CE)**: as potencialidades do Cemitério São João Batista visto como um espaço sagrado. 2013. 181 f. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, 2013. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/104302>. Acesso em 04 abr. 2022.

TAVARES, D., Brahm, J.; RIBEIRO, D. Museu da morte? Vozes e narrativas no Cemitério de Santo Amaro, Recife/PE. **Revista de História Comparada**, v. 10, n. 2, 2016, pp. 95-

125. Disponível em:
<https://revistas.ufrj.br/index.php/RevistaHistoriaComparada/article/view/3198>.
Acesso em: 04 abr. 2022.

VALLADARES, Clarival do Prado. **Arte e Sociedade nos cemitérios Brasileiros**. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura/MEC, 1972.

Santo Amaro Cemetery as a destination for specific tourist routes in the city of Recife

Abstract

Despite several distances and approximations between the living and the dead, the mysteries and myths created around death are so many that they ended up has been reflected in the place of the dead, a fact that gives, even in contemporary times, a mixed aura of taboos and fears to these spaces. Thinking about the cemetery beyond the concretiation of funeral rituals and giving it museological and tourist potential, despite little debate in Brazil, is not new. Based on a bibliographic dialogue between authors who work on the theme of the death, of the cemeteries and their approximations with museological spaces, it is expected to suggest ways to the understanding of the museum in its expanded field and to point out the approximations between the purpose of traditional museums and of secularized cemeteries, in addition to studying the possibilities of including the Santo Amaro Cemetery as a destination for specific tourist routes in the city of Recife, which can explore its historical and tomb artistic potential, pointing to a perspective of preservation of the memory of death and the dead in the city.

Keywords: Visual Arts; Cemeterial tourism; Tomb art; Cemetery; Museum.

Artigo recebido em 05/07/2022. Aceito para publicação em 04/12/2022.